

LITERATURA: UMA FONTE POUCO EXPLORADA DO CONHECIMENTO HISTÓRICO.

SÔNIA A. SIQUEIRA

Disciplina: História Ibérica.

A partir do momento em que se redefiniu como matéria da História o ser humano, e que se buscou mais atentamente fazer da História, Vida, impôs-se a aproximação daquela disciplina às demais áreas que se preocupam com o homem, e a adoção de novos métodos e técnicas. Impôs-se, também, o primado do coletivo e do sócio-econômico.

Corrigindo certas concepções históricas que só tem por válidas verdades estatísticas, vai-se difundindo um outro tipo de abordagem que não esquece a coletividade, mas também põe em relevo os indivíduos; que não abandona o estudo das estruturas, mas passa, ademais, a focalizar os acontecimentos. Procura compreender e explicar as vivências. Não só o quantitativo importa: também o qualitativo.

Um significativo incitamento à consecução de uma história global aparece em artigos recentes como o de Albert Soboul (1) onde é ressaltada a importância da definição das estruturas psicológicas dos grupos sociais e seus respectivos quadros mentais. História das Idéias, História dos Sentimentos, História Social, que se podem abeberar na obra literária.

É de extranhar-se, portanto, que a Historiografia contemporânea venha desdenhando a valorização dos testemunhos literários, embora há muito tempo já muitos historiadores e literatos tenham-se mostrado preocupados em aclarar os métodos das duas disciplinas e fixar-lhes as relações.

(1). — *Description et mesure en histoire sociale* in "L'Histoire sociale. Sources et méthodes" (Paris, 1967) pgs. 9-25.

Aristóteles já escrevia na sua *Poética*:

“En efecto no está la diferencia entre poeta e historiador en que uno escriba con métrica y el otro sin ella, que posible fuera poner a Heródoto en métrica, y con métrica o sin ella, no por eso dejaría de ser historia. Empero diferíanse en que uno dice las cosas tal como pasaron y el otro cual ojalá hubiera pasado” (2).

São de Toynbee as seguintes palavras:

“Se ha dicho, por ejemplo de la Iliada, que aquel que emprenda su lectura como un relato histórico allí encontrará la ficción y en revancha, que aquel que la lea como una leyenda, allí encuentra la historia” (3).

No século passado houve marcada sensibilidade pela dimensão social da literatura; neste, pela sua dimensão sociológica. Na metade do século XIX a vida social passou a integrar a consciência do homem: a Madame de Staël deve-se a primeira obra de sociologia literária (4) escrita com o objetivo de fixar a influência da religião, costumes, leis, na literatura e desta sobre a religião, costumes e leis. Chateaubriand no *Génie du Christianisme* iniciou na crítica literária e estética, o método histórico-sociológico. Ambos buscaram deduzir hipóteses teóricas através da análise da literatura.

Taine demonstrou os profundos liames entre o carater da sociedade e o da arte. Proclamou que tudo quanto se cria é expressão do homem, portanto adquire significância. A obra literária mereceu sua atenção como documento histórico para situar e compreender o homem nas diferentes épocas e nas específicas situações existenciais. Nunca existe como acontecimento isolado (5). A literatura como estilo da sociedade foi realçada por Louis Gabriel Ambroise de Bonald:

“o estilo é expressão do homem; a literatura é expressão da sociedade”.

(2). — Ed. bilingue da Universidade Autônoma de México (1945) IX pg. 14.

(3). — Toynbee (A.J.), *Un estudio de la Historia* (Buenos Aires. 1951) I, pg. 34.

(4). — *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales* (Paris. 1842).

(5). — “A obra de arte é determinada por um conjunto que é o estado geral do espírito e dos costumes circundantes. Uma literatura é produto de uma sociedade”. *Philosophie de l'Art* (Paris, 1924) I, prefácio.

Cada sociedade tem seu estilo assim como cada povo tem sua linguagem (6). A arte foi demonstrada como fato social por Jean Marie Guyau, e a poesia como experiência vivida por Wilhelm Dilthey.

A estética marxista contribuiu de maneira determinante para situar sociologicamente o fato literário. Lukács e o grupo de Francforte renovaram e completaram as perspectivas marxistas na sua tentativa de historicizar a literatura e de elevar à categoria universal o conceito do típico.

Há uns 30 anos voltaram-se para as fontes literárias os sociólogos da literatura e da cultura. Lucien Goldmann estudou os nexos entre literatura e sociedade mostrando a importância da análise do ambiente ideológico, das correntes culturais, do sistema das determinações econômicas. Sua hipótese fundamental esteia-se em que

“o caráter coletivo da criação literária surge pelo fato das estruturas do universo da obra serem homólogas às estruturas mentais de grupos sociais determinados ou em relação compreensível com eles. No plano dos conteúdos, i.e., da criação de universos imaginários, dirigidos por aquelas estruturas, o escritor goza de total liberdade” (7).

Uma série bastante extensa de pesquisadores vem se preocupando desde a década de vinte pela análise do processo histórico-real emergente dos testemunhos literários não apenas na Europa mas também nos Estados Unidos (8).

No entanto, passados são quase cinquenta anos sobre as tentativas de Lucien Febvre de integrar a literatura na história como fato de civilização (9). Apesar do testemunho do próprio Febvre no seu fa-

(6). — *Du style et de la littérature* in “Mélanges littéraires, politiques, philosophiques” (Paris, 1819) T. I pg. 354.

(7). — Goldmann (Lucien), *O método estruturalista genético na história da literatura* in “Sociologia do Romance” (Rio de Janeiro, 1967) Trad., pg. 203.

(8). — A preocupação de situar as idéias dos homens no tempo histórico tem suscitado um número muito significativo de trabalhos entre os quais destacamos por fundamentais o de John Dewey que nos anos 20 insiste sobre a interação entre processos mentais e contextos sócio-culturais (*L'Arte como esperienza*. 2ª ed. italiana Turim, 1951), o de George H. Mead, representante da escola comportamentista americana que atribui à literatura a função de permitir o desempenho de papéis sociais alheios, portanto, de permitir uma forma de comunicação; e o de Albert Guérar (*Literature and Society*. Boston, 1935) que vê o estudo da literatura mais como um método de apreensão do social do que um campo particular de estudos.

(9). — *Combats pour l'histoire* (Paris, 1965) 2ª ed. pgs. 221 e segs., 263 e segs.,

moso *O problema da descrença no século XVI. A religião de Rabelais*, os historiadores tem-se recusado fazer da literatura um apóio para a compreensão dos tempos e dos homens.

No campo da historiografia nota-se desde o século passado, não obstante, a sensibilidade para a percepção das mudanças, através dos tempos, das atitudes psicológicas dos homens (10). Lançada por Durkheim a noção de *consciência coletiva*, passou ela, neste século, a ser trabalhada pelos psicólogos. Charles Blondel ressaltou, no fim dos anos 20, a existência de maneiras universais de sentir, pensar e agir. Mas foi Lucien Febvre que, na *Revista de Síntese Histórica* chamou a atenção para a necessidade da estreita colaboração entre historiadores e demais observadores dos fenômenos humanos. Proclamou, além disso, a superioridade da História Social:

“nunca o homem, jamais o homem, mas sim as sociedades humanas, os grupos organizados” (5).

Ora, pela literatura penetramos na vida psicológica (temas do amor, da amizade, da morte, por exemplo), como na vida de um grupo social (que faz ele de seu destino, de seu futuro). Pela literatura, portanto, penetramos nos domínios da História do Pensamento, da História da Sensibilidade, da História Social.

Não obstante, muito poucos pesquisadores tem usado a literatura como fonte. Destaquemos alguns nomes como os de *Louis Chevalier*, que ensina no Colégio de França a História de Paris do século XIX salientando o diálogo que se deve instaurar entre historiador e romanista, preservando os limites dos especialistas, mas traçando os limites de sua aproximação (12). Ou de *Robert Mandrou* (12).

Refletindo a mesma linha de preocupações estão os trabalhos de *Claude Pichois* (14), de *R. Estivals*, que estudou a estatística biblio-

(10). — Duby (Georges), *Histoire des Mentalités* in “Encyclopédie Pleiade”, pg. 939-940.

(11). — *La terre et l'évolution humaine. Introduction géographique à l'histoire* (Paris, 1922) pg. 25.

(12). — *La comédie humaine: document d'Histoire* in “*Révue Littéraire*”, junho de 1964 pg. 27-38.

(13). — *Ver Histoire littéraire et histoire culturelle* in “*Révue d'Histoire Littéraire de la France*”, set.-dez. 1970 (n^{os}. 5-6), pgs. 861-869.

(14). — “*Pour une sociologie des faits littéraires. Les cabinets de lecture à Paris durant la première moitié du XIX siècle*”. In *Annales E. S. C.* 1959, pg. 521-534.

gráfica da França até o século XVIII (15). *H. J. Martin* estudou em mais de 1.000 folhas o problema do livro na sociedade francesa (16).

Pierre Vilar fala na possibilidade de uma análise conjuntural das produções do espírito, mostrando que a expansão de um tema no espaço social, o êxito que se lhe oferece, dá a medida da força coletiva de uma inquietação, de um interesse, de uma vontade (17).

A análise goldmaniana entrelaça indissolivelmente a literatura e a vida social (portanto literatura e história) e separa os campos de trabalho do historiador e do literato. Não é possível aceitar a separação radical entre o comportamento criador, no domínio da cultura, e o comportamento cotidiano dos homens com suas implicações sócio-econômicas. Impossível compreender a criação cultural fora da vida global da sociedade onde se desenvolve. Impossível, portanto, separar-se a Obra literária de quem a faz, e o autor das relações sócio-históricas em que está inserido. Todos os membros de um grupo social tendem a criar as mesmas estruturais significativas. Todo Autor responde a uma problemática de sua época, abordando questões de seu tempo, dando-lhe as soluções possíveis (18).

A aplicação desses conceitos gerais a determinado testemunho literário pode trazer significativa contribuição para o conhecimento da história social de certa época.

O uso de determinado sistema conceitual dá a visão de mundo que teve o Autor da Obra em análise, como também reflete a visão de parte da sociedade em que viveu. Isto pode levar a resultados surpreendentes quando se processa à análise de uma Obra procurando através dela esclarecer a mentalidade de homens que viveram em determinada área tempo-espacial (19).

Deixando ao literato o valor simbólico da palavra, a estrutura intrínseca da frase, a temática, o historiador pode apreender na Obra literária a consciência social de um grupo (sua visão de mundo), e o reflexo da vida (fatos, visão de outros grupos sociais e seus conflitos).

(15). — “Le dépôt légal sous l’Ancien Régime de 1791” (Paris, 1961), e *La statistique bibliographique de la France sous la monarchie du XVIIe siècle* (Paris, 1956). Tenta reconstituir ciclos de produção literária.

(16). — *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVIIe siècle* (Genève, 1969), 2 vols.

(17). — *Marxismo e Historia en el desarrollo de las Ciencias Humanas* in “Crecimiento y Desarrollo” (Barcelona, 1964) Trad. pg. 449.

(18). — Goldmann (Lucien), *Le structuralisme génétique en sociologie de la littérature* in “Littérature et Société” (Paris, 1967) pgs. 195-211.

(19). — Um exemplo elucidativo é o trabalho de José Antonio Maravall, *La Comédie espagnole et la stratification sociale à l’âge baroque* in “Problèmes de stratification sociale” publ. por Roland Mousnier (Paris, 1968), pg 249-265.

Pode colher elementos para a reconstrução dos níveis culturais de determinada sociedade. Eventualmente poderá o historiador preocupar-se em analisar a produção e o consumo de livros, aproximando-os de outros dados da vida como os econômicos.

Como usar o testemunho literário para a recomposição da História?

A resposta envolve um problema duplo: da episteme e de técnica operacional.

Em primeiro lugar, a interrogação: *em que* o historiador se interessa no seu passado? Certamente na apreensão da Vida. Apreensão total, globalizante: vida social, vida coletiva. *Por que* o historiador se interessa pelo seu passado? Apenas para compreendê-lo e ligá-lo ao Presente, ou para através de tal compreensão tentar modificar o Presente e forjar o Futuro? Tais proposições levam ao problema do *tempo* e da *conceituação de História*. História = Passado? História = Passado-Presente-Futuro?

Numa ou noutra posição mental o historiador poderá aproveitar a Obra literária: a Literatura pode ser encarada como expressão da *sociedade (elemento constitutivo) ou como elemento atuante da sociedade* (20). Determinar através da análise do testemunho literário a consciência real e possível de um grupo numa dada sociedade, ou modificar, pela literatura, a consciência limite, alterando a *mass-media*.

Certamente a literatura pode ser usada como elemento válido explicativo de alguns aspectos da realidade social (21). Subsídio para a História Social ou para a História das Mentalidades. Bruhat salientou a importância da obra literária corrigindo o quantitativo na história: salários e orçamentos das classes proletárias da França do século XIX podem ser apreendidos em outro tipo de documentação, mas só a literatura pode informar como se organizava a vida familiar dos trabalhadores (22).

(20). — Esta segunda acepção proporia o relacionamento da criação cultural e da consciência do Autor, bem como o problema do relacionamento da sociedade tecnocrata e o fator de alienação de que trata Lucien Goldmann no seu trabalho *A criação cultural na sociedade moderna* (Lisboa, 1972). Trad.

(21). — À objeções de que a literatura traduz um grupo social mais elevado e portanto induziria à elaboração de uma história de elites, ficaria como correção a possibilidade de análise da literatura popular ou o balanço quantitativo e qualitativo das obras médias. Ficaria ainda o recurso de confrontar as obras clássicas com a literatura destinada a um público popular como fez Robert Mandrou no seu trabalho *De la culture populaire en France aux XVIe et XVIIe siècles* (Paris, 1964).

(22). — In *Histoire sociale et histoire littéraire* contido na "Histoire sociale. Sources et méthodes" (Paris, 1967) pg. 270.

Oferecendo *flashes* da vida coletiva de determinada sociedade, a literatura provê o historiador de elementos para a apreensão das mudanças. Problema da duração, que é do historiador.

Em termos de mudanças, a obra literária oferece ao historiador das idéias elementos para uma história de longa duração (a das crenças), para uma história de média duração (a das idéias e ideologias) e para uma história de curta duração (a dos fatos e das opiniões).

A literatura permite ao historiador reconstituir os níveis intelectuais e as visões de mundo de cada grupo social, não como um fim em si mesmo, mas como afirma Mandrou,

“por em tela as representações assumidas por uma coletividade deve permitir, no fim da análise, reconstituir a consciência que teve ela de seu lugar e de seu papel na sociedade global, a que sinais e a que comportamentos culturais ela dá significação particular; a que normas de cultura ela se adapta para se diferenciar das outras ou para se assimilar a uma delas” (23).

O historiador explica esses elementos — é ainda Mandrou quem afirma — com o objetivo mais longínquo de dar plena significação às definições fundamentais de uma história mais compreensiva e mais ampla, i. e., a História Social. Ele encontra visões de mundo e comportamentos culturais que são importantes para definição de classes, grupos e meios sociais, tanto quanto para as relações econômicas. Cabe ao pesquisador incluir a literatura na história sócio-cultural. Depois, estabelecer confrontações (24).

Na elaboração do conhecimento torna-se importante o recurso às metodologias recentemente constituídas. Importante a ajuda dos campos de pesquisa próximos (25).

(23). — Mandrou (R.), *Histoire littéraire et histoire culturelle* in “Revue d’Histoire Littéraire de la France” (set.-dez., 1970) nºs. 5-6, pg. 867.

(24). — Christiane Marilhac confrontou retratos de camponeses de Beauceron durante o 2º Império contidos nos relatórios episcopais da diocese de Orleans com quadros de camponeses traçados por Zola na obra *La Terre*. Os textos concordaram. *Emile Zola: “historien” des paysans beaucerons* in “Annales E.S.C.”, 1957, pg. 573-86.

(25). — Seria absolutamente desejável, na busca da compreensão do homem, o trabalho coletivo de vários especialistas. Parecem-nos extremamente significativas as palavras de Claude Pichois: ‘Pourquoi choisir, du moins pourquoi exclure? Il y a plusieurs demeures dans la grande maison de l’ exégèse littéraire; plutôt que s’anathématiser dans uns Bysance’ menacée de l’invansion des analphabètes, pourquoi l’histoire, la critique de goût, la philosophie, la caractérologie, la psychanalyse, la sociologie, sans oublier cette autre cadette la stylistique, ne joindraient-elles pas leurs efforts pour demander aux oeuvres leurs divers secrets? Qui donc peut se flatter aujourd’hui d’être seul à connaître

A obra literária é expressão de uma realidade social totalizada ao nível de uma sensibilidade estética. Como fazer uma obra estética falar a linguagem do historiador? Problema de técnica e de método de trabalho (26).

O problema do uso da literatura põe em destaque os métodos de análise procedentes da Linguística, que ameaça a história como ciência dominante, como centro do pensamento científico e da reflexão filosófica, como já o notou Lefebvre (27). Modelos linguísticos — quer o fonológico de Trubetzkoi, quer o de Jakobson — são propostos, com o perigo de tornar a realidade histórica simples abstrações esquematizantes.

O exame de um sistema lexical tomado na sua totalidade (abrangendo os campos semântico e morfológico) e suas relações com factos históricos através do princípio de uma correspondência geral rendeu já para a história o conhecido trabalho de Jean Dubois (28). Usando a análise lexicológica ao historiador caberia explicar como o estado de um léxico num dado momento, numa certa sociedade, é imagem da estrutura económica e social dessa sociedade. Esta análise certamente afasta a escolha arbitrária ou casual de palavras sem levar em consideração a distinção de sincronias ou de níveis de língua.

Prescindindo do auxílio de outros especialistas, sem estudos específicos no campo linguístico, resta ao historiador dois tipos de tratamento analítico do texto literário: a análise de conteúdo sociológico e a análise estrutural genética. A ambos os tipos submetemos uma página de Azorin (29) extraída de sua obra *Un pueblecito. Riofrío de Ávila: As Mulass*.

* * *

le sésame"? In *Vers une sociologie historique des faits littéraires*, "Rêvue d'histoire Littéraire de la France", 1961, janeiro-maio, pg. 48.

(26). — A obra literária supõe matéria trabalhada e instrumento para trabalhá-la. É, para Macherey, obra de linguagem e obra de arte. Está, portanto, no ponto de intersecção de duas atividades diferentes. Pierre Marcherey, *A análise literária, tumulto das estruturas* in "Problemas do Estruturalismo" (Rio de Janeiro, 1968), Trad. pg. 147-8.

(27). — Henri Lefebvre, *O fim da História* (Lisboa, 1971) Trad. pg. 195.

(28). — Dubois (Jean), *Le vocabulaire politique et social en France de 1869 à 1872* (Paris, 1962). De interesse também seu outro trabalho *Le problèmes du vocabulaire technique*, publ. no "Cahiers de Lexicologie" (Besançon, Paris, 1966) nº 9 pg. 104-112.

(29). — José Martínez Ruiz — Azorin depois de 1905 — é uma das mais significativas expressões intelectuais da chamada "Geração de 98". Escolhemos uma página de um Autor de 98 uma vez que a Obra da Geração é fundamental para compreensão do problema da Espanha: iluminam criticamente a História.

AS MULAS (30).

Exporemos algumas idéias do Autor. Bejarano Galavis tem ódio às mulas. Recordais a obsessão contra as mulas de D. Fermín Caballero na sua *Población rural*? Bejarano Galavis não pode ver as mulas. As mulas são algo típico, consubstancial da Espanha. As mulas são a visão da planície vasta, gris. Alem, alem na distância, sobre o céu radiante se divisa a silhueta de uma fileira de mulas que arrastam lentamente, dando solavancos, um pesado carro. As mulas são as vendas, as estalagens, as estrebarias das vielas dos povoados e dos altos portos situados entre as montanhas solitárias. As mulas são o espetáculo de todos os momentos das ruas de Madri: um carro encahado numa ladeira empedrada de agudos e luzentes pedregulhos; vociferações dos carreiros; blasfêmias; violentos gestos de cólera; horríveis paus nas cabeças das pobres bestas; coro de tolos e simplórios que presenciam impassíveis a cena. A mula é o sulco superficial, o trabalho sumário e rápido. A mula é a violência, o valor do tosco, a dureza, o inesperado. A mula é o complemento lógico do chulo, das corridas de touros, do vinhaço espesso e sujo, do bailado ruidoso e convulsivo. No extremo oposto da dulçura, da paciência, do socego, da intensidade do trabalho do boi, está tudo o que representam as mulas. “Não se pode negar — diz Bejarano — que o sulco que faz o arado puxado pelas mulas é menos profundo que o que faz o arado puxado pelos bois”.

Não concebemos a paisagem da Espanha sem mulas. Mas há neste aspecto da paisagem da Espanha — da paisagem física e moral — um matiz que lhe dá uma profunda originalidade. A paisagem da Espanha não pode ser a da França ou Inglaterra. Desde uma bela fruta até a estrofe de um poeta; desde estas maçãs tão vermelhas e olorosas até estes versos tão ardentes e elevados de Frei Luis de Leão, há uma gradação de energia admirável. Respira-se no ambiente da Espanha uma força, um ímpeto, uma claridade, que tornam inconfundível sua paisagem de outra qualquer paisagem. As aspereza desta mulher de olhos negros, de membros ágeis e de tez morena ambarina, a aspereza e violência desta mulher — tão diferente da suavidade gratíssima de outras mulheres de outros climas — é o que precisamente lhe empresta uma atração inconfundível. E como a atração desta mulher,

(30). — Azorín, *Un pueblecito. Riofrío de Ávila* Ed. Austral (Buenos Aires, 1946) pg. 33.

como a aspereza desta mulher, as inflamadas cores e a fragância forte destas flores da Espanha — rosas, cravos, jasmims — ou os crepúsculos radiantes destas tardes claras de Castela (em Ávila, do alto das muralhas, frente ao Vale de Amblés), ou a melancolia funda e desgarradora desta canção popular, cujos ecos vão se afastando, perdendo, esfumando-se na distância, qual um gemido entre lágrimas, qual um grito de angustia na noite...

Alguns elementos emergem do texto: propõem problemas ao investigador interessado em recompor a realidade histórica do fim do século Espanhol. Assim:

1. — Alusão a Bejarano Galavís a D. Femín Caballero = Autores e suas Obras significam o que, em termos de visão de Espanha?

2. — Assunto: Mulas = Qual o significado do símbolo mulas integrado no meio urbano?

3. — Identificação Mulas-Paisagem física e espiritual da Espanha = A existência em Espanha de dois mundos — físico e espiritual — e a contraposição de ambos.

4. — Identificação mulas-certo tipo de paisagem = sugere desolação, solidão de determinadas paisagens espanholas, portanto a falta de homens e o não aproveitamento da terra;

mulas-becos povoados = atrazo, primitivismo

mulas-ruas de Madrid = falta de progresso, relativo atrazo

mulas-populacho = associação povo-grosseria, povo-tosco, povo-violência, povo-dureza, povo-crueldade

mulas-trabalho sumário e rápido = critica e condena a improvisação, superficialidade, crueldade, rudeza.

mulas-pousadas, estalagens = atrazo, dificuldade de circulação

mulas-chulo das corridas de touro, vinhaço espesso e sujo, bailado ruidoso e convulsivo = regeição aos touros, tavernas, bailes populares, imagem de Espanha a partir do Romantismo

5. — Autor e Bejarano exaltam o boi como símbolo da doçura, paciência, socego, intensidade do trabalho = boi, símbolo *rural*, versus mula, símbolo *urbano*: dois estilos de vida, duas mentalidades; superioridade do campo sobre a cidade.

6. — originalidade espanhola = valorização da Espanha; preocupação com sua originalidade diante da França e da Inglaterra;

superioridade nas frutas, flores, poesia de Frei Luis de Leão, na mulher, nos crepúsculos de Castela, na melancolia da canção popular = valorização da natureza, de um expoente do Século de

Ouro, frei Luis de Leão, superioridade da mulher espanhola (andaluza) sobre a estrangeira, valorização de Castela, da canção popular.

7. — tom da descrição do autor = melancolia, tristeza, dor, solidão, desolação, sугeira, estreiteza, grosseria, blasfêmias, estultície, bo-beira, crueldade, atrazo.

Da reunião desses elementos emerge a visão de mundo do autor sobre a Espanha do século XIX, marcada pelos antagonismos entre campo e cidade, a necessidade de valorizar Espanha diante do mundo, principalmente França e da Inglaterra, a preocupação com a manutenção de uma vida tradicional, polarizada em Castela tendo presente a grandeza do Século de Ouro através de um de seus mais representati-vos autores.

A busca sistemática de estruturas, i.e. daquilo que se mantem alem do tempo curto, propõe à consideração do pesquisador o estrutu-ralismo genético, assente na premissa de que

“todo comportamento humano tem um carater de estrutura significativa que ao investigador compete revelar”. Portanto “o estudo positivo de todo e qualquer comportamento reside no esforço para tornar a sua significação acessível pelo esclareci-mento dos traços gerais de uma estrutura parcial que só poderá ser compreendida se for inserida no estudo de uma estrutura mais vasta de que só o funcionamento poderá elucidar sua gênese. O estudo dessa estrutura mais vasta exigiria sua inserção numa outra estrutura relativa que a englobaria e assim sucessi-vamente”

Na análise estrutural genética todo fenômeno pertence a um nú-mero maior ou menor de *totalidades relativas* e tem no interior de cada uma dessas totalidades uma significação particular. Toda criação cul-tural, é, portanto, fenômeno individual e social e insere-se nas duas estruturas constituídas pela personalidade do criador e pelo grupo so-cial no qual foram elaborados as categorias mentais que as estrutura-ram.

Para Goldmann a obra literária é ao mesmo tempo criação ima-ginária diretamente estruturada pela realidade e um dos elementos de adaptação do individuo à realidade. Pela criação de um mundo ima-ginário correspondente às aspirações do grupo, é uma compensação e um meio de adaptação.

Um exemplo de análise estrutural genética: a mesma página de Azorin, *As mulas*.

Na análise estrutural genética, o primeiro passo consiste em definir-se a hipótese inicial sobre a estrutura da obra a ser estudada, para conseguir-se uma unidade em relação aos dados empíricos que a compõem. Para maior facilidade de trabalho propomos o esquema anexo que procura representar gráficamente os passos propostos por Goldmann. Do texto dado emergem três elementos que podem dar essa unidade: Bejarano Galavís — Mulas — Paisagem. São estes elementos que compõem o eixo do quadro.

Importante na análise, a separação de planos: real do imaginário. Para o literato o importante primordialmente seria o mundo imaginário, para o historiador o mundo real (a visão de mundo). Na parte de cima do quadro são colocados os elementos que pertencem ao universo imaginário da Obra (i. e., a criação pessoal do Autor), na parte de baixo os elementos que correspondem à visão de mundo do autor (i. e., elementos culturais de um grupo social que transparecem na Obra). Muitas vezes há necessidade de interligação entre os planos, o que vem a comprovar a asserção

“as estruturas do universo da obra são homologas às estruturas mentais do autor”.

Em seguida, deve-se estabelecer o máximo de relações possíveis entre os dados empíricos que compõem a estrutura (são as ligações entre os diversos quadros). Tais quadros significam as estruturas relativas. Inserir então essas totalidades relativas como elementos constitutivos de estruturas mais vastas da mesma natureza. Depois inserir as estruturas mais significativas em estruturas mais vastas, o que permite em relação às primeiras, uma explicação.

No exemplo dado repetem-se no mundo real e no imaginário três tipos de estruturas: paisagem, social (costumes), mental. Da primeira estrutura, *paisagem*, fica a caracterização da Espanha urbana: atrasada, grosseira, primitiva, chula; a originalidade espanhola diante de França e Inglaterra através da valorização das cousas naturais; a valorização de Castela. Da segunda estrutura, *social*: a visão do povo rude; da terceira estrutura, *mental*, a valorização de autores espanhóis que realçaram elementos nacionais (terra, religião). Na criação imaginária, a reconversão do autor à terra castelhana, ao campo; a idealização de uma vida calma, plácida dos pequenos povoados afastados de todo progresso, a crença no valor de Espanha, a melancolia, o desespero calmo, a angústia que traduzem naturalmente uma realidade insatisfatória.

Haver-se-ia então de inserir essas estruturas relativas nas estruturas de toda obra, depois das estruturas significativas da obra na

1 - o = parlayem
2 - o = parlayem
3 - o = parlayem

102

Tem sido as muitas
pelo facto de as mulheres
Repararam Espinha

Tudo se pode fazer
que o medico que fosse
muitas vezes quando
que o que se chama por
Pseudo Paralyse

visão da planície, com
que. Além, na distância,
conta o ar, o céu, o mar,
diver e a natureza de
uma fumaça de muitas
que acontecem lentamente,
dos rios, com um pouco
do canal.

ho, alguns apólos da
degras, pântanos, no
vigo, a intensidade
do humido do ar
suti o que representa
as nuvens

Mulas

complemento de mulo

do lado das cam
das de touros, do
diário separam e
nunca, do sentido
nun das e com
vários

em pântanos, as abelhas
em locais de caminhos, nos
muitas das passadas e
nos locais de um porto
situações anti montanhas
relaxar

algo tipo e semelhantes
civil da Espanha
espécies de todos os
momentos das suas de
trabalhar

Observa de W. Fernán
Castro em "Bella -
civil rural"

um caso relatado numa leitura
impedida de águas e lugares pobres,
vegetação das camadas, longínimas,
proletas que se de água

Removido para as cabanas das pedras
alto

caso de bobos e simplórios que proem -
eram imperáveis a cama

1 - o = parlayem
2 - o = parlayem (continua)
3 - o = parlayem

estrutura da Geração de 98. A obra poderia então ser usada para explicar a geração de 98 e compreender a sociedade espanhola (compreender um grupo da sociedade espanhola: o dos intelectuais) do fim do século.

Por uma ou outra via de análise evidencia-se a vida espanhola e a mentalidade dos homens. Evidencia-se a história.

* *

*

SÔNIA APARECIDA DE SIQUEIRA. — Nascida em São Paulo. Licenciada em História e Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Fez Curso de Aperfeiçoamento em Paleografia e Diplomática na mesma Faculdade, onde depois se doutorou em História Moderna e Contemporânea.

Livre-docente de História Ibérica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas desde 1972, é também membro do Conselho Diretivo do Centro de Documentação da América Latina (CEDAL).

É atualmente responsável pelo Curso de História Ibérica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, e pelo Curso de Pós-graduação em História Social do mesmo estabelecimento.

Seus trabalhos inicialmente versaram sobre História Institucional, tendo por tema preferente a Inquisição Portuguesa (no Reino e no Brasil). Dedicou-se atualmente a trabalhos de pesquisa sobre História das Mentalidades e História da Cultura.